

TEMPO BOM DO CINE LUX... NÃO TINHA FILME IMORAL, ERA A MAIOR DIVERSÃO QUE A GENTE TINHA EM POMBAL: CINEMA E COTIDIANO NO ALTO SERTÃO PARAIBANO

HELMARA GICCELLI FORMIGA WANDERLEY*

A locomotiva que investe com grande ímpeto em direção aos espectadores, o postigo que se abre sobre um assaltante, a planta que germina e que floresce, a silhueta insistente que liberta um rosto: o cinema leva à vertigem, a vertigem de uma proximidade sobrenatural. Porque a tela é uma espécie de abismo, no fundo do qual o reflexo das imagens provoca, mais que o olhar, a visão.

Jerôme Prieur

Não há dúvidas de que a exibição de películas cinematográficas tenha fascinado ou quem sabe, espantado os habitantes de Pombal ao longo dos anos 1950. Mas, além das experiências ocorridas na hora da exibição do filme, a prática de ir ao cinema modificou sobremaneira o cotidiano dos pombalenses dos mais diferentes segmentos sociais. Dessa forma, interessa-nos também conhecer as novas sensibilidades provocadas por aquela aparelhagem moderna.

Desde os anos 30 do século XX os habitantes de Pombal já tinham contato com o cinematógrafo. O cinema itinerante, quando das suas passagens por Pombal, divertiu muitos, encantou outros tantos, na mesma medida em que espantou muitos pombalenses.

Aí, ali entre o Grupo João da Mata, de vez em quando aparecia um cinema daqueles móvel [itinerante], aí o povo, quem tinha dinheiro ia, era a maior diversão! Às vezes o cinema ficava lá na estação, numa das salas que tem lá. Era de improviso, mas era cheia! Botava um pano assim grande na parede e o filme era passado ali mesmo. As pessoas tinham que levar um tamboretinho, mas ninguém reclamava não. E os filmes era (sic) uns filmes mais velhos, mais antigos, as fitas só viviam se partindo, mas ninguém reclamava não (PEREIRA SOBRINHO, 2009).

Mesmo que as instalações fossem precárias como aponta o nosso colaborador, o momento de exibição da película cinematográfica se constituiu um grande acontecimento na cidade, o que nos é explicado pela Sra. Maria Adélia Felinto: “o povo adorava quando chegava o cinema, o circo. Era aquela farra, aquela fofoca. Logo, não

* Professora Assistente da Universidade Federal de Campina Grande, campus Sousa-PB; Mestra em História pelo Programa de Pós-Graduação da UFCG.

tinha o que o povo fazer aqui. Era tudo muito precário. Aí quando tinha uma novidade era todo mundo lá, rico, pobres, tudo!” (FELINTO, 2009). Assim, sempre que uma companhia de diversão chegava à cidade¹, havia uma grande movimentação.

Se durante os anos 30 os pombalenses alegraram-se com as projeções cinematográficas que apareciam vez ou outra na cidade, nos anos 40, seu Joquinha Queiroga criou o “cineminha” na cidade.

O Sr. Junqueira nos explica o porquê das sessões de cinema serem tão procuradas: “uma vez que não havia televisão, não tinha muito o que o povo fazer para se distrair. Ai uma vez por semana, Seu Joquinha Queiroga, passava seus filmes para o povo de Pombal” (JUNQUEIRA JÚNIOR, 2008).

O primeiro cinema foi no Mercado Público. Ainda de forma muito precária como apontam os nossos depoentes, o “cineminha” atraía muitos pombalenses para as suas sessões. Depois, as projeções cinematográficas, passaram a ser na Sede Operária.

Além da projeção do filme, o cinema passou a figurar como um espaço para interações sociais entre a elite e os populares. Além do entretenimento propiciado pela exibição do filme, naqueles espaços, as moças e rapazes, além dos senhores e senhoras locais podiam conversar, namorar ou até saborear um refresco que podia ser de abacaxi ou de maracujá, e que era vendido no Bar Junqueira.

A transferência do “cineminha” para a Sede Operária ocorreu especialmente por motivos de serem as acomodações desse lugar melhores do que as existentes no Mercado Público. Havia, contudo, um inconveniente: a “Sede”, ficava localizada nas imediações da Estação Ferroviária, no bairro dos Pereiros, logo, num território quase proibido, já que a área de meretrício situava-se naquelas imediações.

O cinema da Sede era melhorzinho, mas os filmes eram ruins do mesmo jeito. Aqueles preto e branco antigo... mudo! Era mudo. Mas todo mundo queria ir ver o filme. Era uma festa. Só não era melhor que as passagens de trem lá na Estação (FELINTO, 2007).

Ainda que a qualidade dos filmes fosse ruim, ou que as acomodações não fossem boas, para uma cidade que oferecia poucas oportunidades de diversão, sem dúvida o cinema improvisado era uma boa oportunidade para que os homens e mulheres de Pombal interagissem, criando novas sociabilidades, fosse dentro das instalações, ou

¹ Além de cinemas itinerantes, também grupos de teatro e circos passavam pela cidade para apresentar durante alguns dias seus espetáculos.

fora delas. Os nossos colaboradores nos disseram ainda que naquele espaço não havia divisões, pelo menos não haviam divisões explícitas, é o que nos informa a Sra. Maria Adélia Felinto:

Todo mundo ia pro cineminha, aqui quase não tinha separações não. Agora cada pessoa tinha seu grupinho, né? eu tinha o meu, a turminha da pessoa, sabe? Aí tinha aquelas pessoas mais humildes, também tudo no seu grupinho. Não havia uma confusão não. Era todo mundo junto (FELINTO, 2007).

Nas entrelinhas percebemos que embora não existisse sessões diferenciadas, ou filmes mais ou menos populares - todos eram antigos e desgastados - as divisões existiam, afinal o próprio agrupamento das pessoas por afinidades, status ou idade indicam as segregações ali existentes.

É preciso também certo cuidado quando afirmamos que haviam divisões naquele espaço, pois mesmo que “as pessoas tivessem seus grupinhos”, as fronteiras desses grupos não eram fixas, deslocavam-se graças às táticas de consumo, de forma que os homens e mulheres de Pombal conseguiam escapar às imposições sociais dos grupos dominantes.

Assim, entre as moças da elite que freqüentaram o cineminha da Sede, era possível encontrar algumas jovens das camadas pobres. De igual maneira, entre as moças das camadas menos afortunadas, havia alguns “brotinhos” dos grupos nomeados como elite.

Também entre os rapazes esta interação acontecia. De forma que Raimundo Formiga de Sousa, jovem oriundo de família pobre, sempre estava nos espaços de sociabilidade acompanhado pelos filhos dos abastados senhores pombalenses.

A gente assistia o filme tudo junto, não tinha outra diversão. Aí, quando o filme terminava, às vezes a gente ficava conversando um pouco na frente da Sede e paquerando com as meninas. Aí depois descia todo mundo pras praças, aí ficava aquela fofoca (SOUSA, 2009).

Se sair de casa para ir ao cinema parecia não ser o bastante para os jovens da urbe, os mesmos, depois de praticarem alguns “lazer permitidos”, aventuravam-se ainda a procurar alguns “prazeres proibidos”. “Depois que as moças de família iam dormir, aí rapaz a gente ia tudo atrás de mulher. Eu sempre ia com os filhos de Sr. [...]. papai só confiava neles, aí depois eles iam me deixar em casa de carro. Era bom demais!” (SOUSA, 2009).

Se, para os homens a noite de cinema poderia terminar numa mesa de bar ou num bordel, para as “moças de família” o divertimento acabava antes das 22 horas, momento em que o motor da luz era desligado e a cidade ficava toda no escuro.

Mas para um povo que desejava figurar nos anais do progresso, da “civilização”, como evocado pelas elites letradas que afirma que “é de longas datas que o município precisa de melhoramentos, para que possa fazer jus ao nível de adiantamento do qual goza a sua população”(SOUSA, 1971, p. 81), possuir um Cinema condizente com as novas técnicas da modernidade era, sem dúvida, motivo de grande envaidecimento para os pombalenses. Assim, lembrou a Sra. Felinto: “somente em 1954 Pombal ganhou um cinema de verdade”(FELINTO, 2008). Naquele ano, foi inaugurado em Pombal o “Cine Teatro Lux”, ocasião em que à elite pombalense, e também os populares, rejubilaram-se pela nova aquisição.

Sempre foi conhecido o povo de Pombal por estar à frente do seu tempo. Só quem não conhece para dizer o contrário. O povo daqui sempre acompanhou a melhor moda. Acompanhava tudo pelas revistas. Nem foi preciso o povo reivindicar nada. Seu Chiquinho viu que Pombal precisava de um Cinema Moderno e construiu. O povo de Pombal era um povo que só dava valor ao que era bom, àquilo que tem qualidade. Sempre foi assim. Aí sim, o povo ficou muito envaidecido por que finalmente Pombal teria um cinema moderno (QUEIROGA, 2004).

Não resta dúvida de que o Cine Lux era uma construção de linhas modernas. O prédio construído em estilo Art Decó² era considerado na concepção dos habitantes daquela urbe, o que havia de mais moderno. Claro, comparado às construções existentes em Pombal naqueles anos, sem dúvida, a obra mostrava-se imponente, destacando-se entre as demais construções existentes na cidade.

Não são poucos os relatos de memória que nos dizem que o “povo de Pombal sempre esteve à frente do seu tempo”, ou que Pombal sempre foi uma cidade moderna. Mesmo em face de discursos como este é preciso certo cuidado, pois consultando outras fontes percebemos que a modernidade nessa cidade só existe se considerarmos suas especificidades, a forma de recepção e (re)adaptação das conquistas materiais que chegavam lentamente à cidade, impactando o cotidiano dos pombalenses, ricos ou pobres.

² A Art Decó misturava em sua composição vários estilos e movimentos do início do século XX, sendo considerado nos anos de 1930 a 1950, “um estilo elegante, funcional e ultra moderno”, disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Art_Deco&spell=1, acessado em 06.08.2008.

Sobre isto, o pesquisador pombalense, Verneck Abrantes de Sousa, afirma: Seu Chiquinho Formiga construiu o melhor prédio cinematográfico do sertão paraibano” (SOUSA, 2002), o Cine Teatro Lux, localizado na esquina da Rua Jerônimo Rosado com a Rua João Pereira Fontes, bem no centro da cidade.

Outra pombalense que reforça essa imagem é a Sra. Maria Adélia Felinto que se lembra:

Seu Chiquinho Formiga que foi o primeiro a construir um prédio de cinema moderno para Pombal. Foi ele quem construiu esse prédio aqui. A tela era enorme, havia também um palco para outras apresentações. E ninguém precisava levar cadeiras não. O prédio era coisa de 'cinema' (risos)” (FELINTO,2008).

Em quase todos os lugares onde foi criada uma sala de projeção para filmes surgiram discursos grandiloquentes, que celebravam a aquisição da maquinaria como indicativo da modernidade. Assim, em Campina Grande, em 1934, a construção do “Capitólio” e depois, em 1939, a criação do “Cine Babilônia”, “fez parte de um projeto mais geral de modernização da cidade, levado a cabo por suas elites” (SOUSA, 2002, p. 281).

Ainda que a edificação do Cine Lux fosse uma obra privada, a instalação de tal equipamento só foi possível em Pombal porque os pombalenses, especialmente aqueles pertencentes às elites, eram favoráveis à obra, direta ou indiretamente. O Cine Lux não teria sido uma realidade em Pombal se não houvesse público para as suas sessões e isso sem dúvida pôde ser observado nos anos anteriores pelo empreendedor da obra quando das sessões de filme nos “cineminhas”. Outra contribuição importante veio da Prefeitura Municipal, que reduziu os impostos sobre parques e diversões na cidade. Conforme a lei nº 08 de junho de 1949: “ficam reduzidos os impostos sobre brinquedos, parques, clubes e quaisquer outras formas de diversão na cidade”. (LEI Nº 03, 1949).

O incentivo do poder executivo vem mostrar que naqueles anos era preciso investir em áreas de diversão e lazer, pois a população estava crescendo e o lazer programado era, sem dúvida, necessário à manutenção da ordem social, pois “o lazer, devido ao seu crescente prestígio, fornece modelos de conduta e pode imprimir um certo estilo à vida cotidiana” (DUMAZIER, 1976, p. 98).

Assim sendo, o cinema vem acelerar as mudanças nos valores morais, nos comportamentos, instituindo modelos que nem sempre eram vistos positivamente pelos cidadãos mais tradicionais. Contudo, ainda que houvesse efeitos negativos, o

cinematógrafo promovia a melhoria de alguns hábitos incondizentes com a vida na cidade moderna.

Não foram poucos os pombalenses que passaram a vestir-se, andar, falar, comer e fazer outros gestuais dos astros e estrelas de Hollywood³. Mas também algumas práticas como beijar e fumar foram apropriadas pelos habitantes dessa urbe. Assim, além de estimular o aparecimento de novas sensibilidades e práticas, o Cine Lux também favoreceu o desenvolvimento da economia local, gerando novos empregos. Só para citar aquelas ocupações diretas, temos: bilheteiros, lanterninhas, seguranças, porteiros, operadores de máquinas e apresentadores. Depois, surgiram aqueles empregos indiretos, a limpeza, a segurança nas ruas, o aumento do comércio, abrindo novas vagas para vendedores de suprimentos variados. Também há um aumento no número de empregos informais.

Só para termos uma idéia, ao lado do prédio do cinema foi montada uma sorveteria que pertencia ao mesmo dono, mas que gerou também o emprego de “fazedor de picolés” e vendedores, muito embora, estas funções estivessem restritas ao grupo familiar.

Além da sorveteria, nas ruas próximas e, principalmente, em frente ao prédio cinematográfico, havia um grande número de ambulantes. Vendedores de pipocas, amendoins, refrescos, flores de papel, balinhas, pasteis, algodão doce, entre outros.

Embora fosse proibido conduzir alimentos até o interior do cinema, esse comércio informal foi ano a ano ampliando-se. E a explicação para isso é que o público do Cine Lux, antes e depois das sessões ficavam circulando naquelas ruas “se deliciando com as mais lindas e atualizadas canções” (ARAÚJO, 2002, p. 13). Entre as músicas mais tocadas estavam as de “Poli”, afirmou a Sra. Maria Adélia Felinto. O *footing* naquelas ruas promoveu o surgimento de muitos amores, na mesma medida também surgiram muitas tensões sociais, muitos dissabores.

³ Também nas cidade de Campina Grande, Parahyba do Norte e Cajazeiras, por exemplo, houve a cinematografização do cotidiano, o que mudou os hábitos consagrados como tradicionais, conforme estudos de SOUZA. Antonio Clarindo Barbosa de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945 – 1965)**. 2002. Tese (DOUTORADO EM História do Brasil) – UFPE, Recife; ARANHA, Gervácio Batista. **Seduções do moderno na Parahyba do norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1825)**. In. Parahyba no Império e na República. Estudo de história social e cultural. 2ª ed. João Pessoa: Idéia, 2005; SILVA FILHO, Osmar Luiz da. **Na Cidade da Parahyba, o Percurso e as tramas do Moderno (1892-1928)**. 1999. Tese (Doutorado em História) – UFPE, Recife, respectivamente.

Mas não só os ricos aplaudiram a iniciativa de construir em Pombal uma sala de projeções cinematográficas “modernas”. Também os pobres celebraram a conquista daquela aparelhagem tecnológica. Afinal, pelo menos nos discursos da elite o cinema atingiria a todos. Finalmente, “o povo de Pombal teria uma sala de cinema digna deles. Um lugar adequado para ver os filmes que eram produzidos nos Estados Unidos, no México e também os brasileiros” (QUEIROGA, 2004)⁴.

Obviamente, “o povo” é muita gente. Acreditamos que a Senhora Francisca Queiroga ao usar a palavra “povo” tenha se referido a um pequeno e seletivo grupo que constituía a elite daquela cidade. Acreditamos que não havia uma preocupação em satisfazer as necessidades dos grupos populares. Mas à revelia dos grupos que os excluía, os pobres, consumiram também aquele espaço, de forma nem sempre compatível com aquilo que desejavam as elites pombalenses. Assim sendo, mesmo em face das dificuldades econômicas e das sanções sociais, os populares experimentaram naqueles anos, a magia do cinema, isso porque

as cenas da vida privada da maneira como são mostradas pelo cinematógrafo, cômicas ou trágicas apaixonam o público (...) A rapidez dos movimentos aumenta a impressão de vida. Ela é, às vezes tão intensa, que esquecemos a vulgaridade da história para nos divertirmos com os detalhes (PRIEUR, 1995, p. 35).

Assim é que em *Tempos Modernos*, um clássico de 1936, Charles Chaplin, arrancou dos espectadores do mundo inteiro risos de situações trágicas: a exploração da classe operária e a miséria dos pobres, provocada pelo desenvolvimento da Indústria.

O Sr. Raimundo Formiga de Sousa, falou-nos sobre as sessões de filmes do Charles Chaplin, mais conhecido por Carlitos.

No dia que era filme de Carlitos o cinema era cheio, era criança, moça, rapaz, adulto, tudo. Todo mundo gostava, ele era muito engraçado. Com um paletó velho, um sapato maior que o pé. Os pés eram um prum (sic) lado e o outro pro outro. E tinha aquela bengala que ele girava. O filme era mudo, mas a gente só escutava era o barulho das risadas. Não tinha quem se agüentasse não. Era muito bom os filmes de Carlitos (SOUSA, 2008).

Embora tenha se referido aos filmes de Charles Chaplin o Sr. Raimundo Formiga de Sousa não mencionou o nome, disse apenas que “todos os filmes dele eram

⁴ Ver também SOUSA. Verneck Abrantes de. *Cine Lux de Pombal*, disponível em: www.marcoslacerda.hpg.ig.com.br/verneck/cinelux.htm, acessado em 14/06/2009.

mudos, preto e branco e de comédia. Eu mesmo gostava de todos, a gente bolava de rir” (SOUSA, 2008).

Sobre o Filme Tempos Modernos, nosso rememorador afirmou: “lembro do nome, era um filme que passava muito, agora da história eu não lembro não, porque é como eu disse, os filmes de Charles Chaplin eram todos muito parecidos” (SOUSA, 2008).

Também a Sra. Maria do Bom Sucesso Medeiros Nóbrega nos contou que “os filmes de Carlitos eram bom (sic) demais. A gente adorava! Ele era engraçado. Com aquele bigodinho e a bengala rodando todo o tempo. Todo mundo ria” (NÓBREGA, 2009).

Em face da tendência contestadora que Chaplin deixava transparecer em suas obras, os filmes realmente apresentavam temáticas muito próximas, mas nas memórias de nosso colaborador... nenhum episódio, nenhum nome [de filme]. Assim, por mais que os filmes cinematográficos tentassem mostrar cenas da vida real, os movimentos dos atores, as cores e a velocidade em que as cenas do dia-a-dia eram projetadas não permitiam que os espectadores se identificassem com as histórias ali expostas. Eram as roupas, os móveis, a beleza dos artistas, os automóveis, os tropeções, o que mais chamava a atenção.

Dessa forma, o cinema ia conquistando um público cada vez maior, que buscava somente diversão. “Realmente o cinema era para todos!” Afirmou a Sra. Maria Adélia Felinto, e prosseguiu:

O cinema não era uma coisa cara não. Todo mundo podia ir. O ingresso era um tostão, dois Cruzeiros! Era muito barato. E não tinha esse negócio de primeira classe, nem de segunda classe não, nem de cadeira cativa. Quem chegasse primeiro sentava na frente e pronto! (FELINTO, 2008).

Diferente do que ocorreu em Pombal, onde num mesmo espaço, poderíamos encontrar elites e populares, embora separados pelas vestes, condições sócio-econômicas, culturais, ou mesmo por afinidades, em Campina Grande, os cinemas obedeciam certa hierarquia, ou melhor dizendo, havia uma explícita segregação. Cinema para a elite e cinema popular. Assim, enquanto os Cines Capitólio e Babilônia eram destinados à diversão e lazer das elites campinenses, nos Cine Avenida e São José, os populares podiam ver a projeção de películas cinematográficas⁵.

⁵ Sobre isso ver o trabalho de Antonio Clarindo B. de Souza, **A Cinematografização do Cotidiano: O**

No que se refere à prática de ir ao cinema em Pombal, a Sra. Zulmira Ferreira Viana recorda-se que:

Todo mundo gostava de ir ao cinema. Eu mesma sempre ia. Era bom demais. O filme que eu mais gostava era Tarzan. Mas eu também vi outros filmes. Os filmes de faroeste era os que mais passavam e as chanchadas. Ai tinha uns tolos que ficavam desviando as balas (risos), gritando com medo... era muito divertido! (VIANA, 2008).

Havia sem dúvida, uma forte crença de que o cinema estava ao alcance de todos os pombalenses. Contudo, enfatize-se que as melhorias técnicas não atingiam a todos os pombalenses, ou não atingia da mesma forma, e a exclusão de homens e mulheres desse processo era uma triste realidade em Pombal.

“Só quem tinha dinheiro para ir era rico. Pobre mesmo não ia era pra lugar nenhum. O dinheiro era só pra comer. Agora eu pedi muito a meu marido pra levar eu no cinema. E ele não levou porque as condições não dava” (NASCIMENTO, 2008).

Não obstante, mesmo diante desse quadro o que se percebe é que havia entre os excluídos um forte desejo de partilhar das experiências modernizantes pelas quais a cidade passava. E eles partilhavam. O que percebemos nas falas dos nossos colaboradores é que em todos os acontecimentos, os populares estavam presentes. Fazendo usos próprios, consumindo ao seu jeito espaços e discursos.

Assim, já na primeira sessão o Cinema parece ter conquistado Pombal. De acordo com o Sr. José Cleônimo Formiga de Mouta, o primeiro filme exibido foi “A mulher que eu Amo”, um preto e branco, de 1938, que trazia como atriz principal a bela Bárbara Stanwyck. Naquela noite, tanto a atriz como os atores, arrancaram dos pombalenses, gritos, aplausos, risos, suspiros e até beijos.

O filme era uma beleza! Era maravilhoso! O ator era muito bonito. Era lindo! Charmoso, bem vestido, parecia um príncipe. E a atriz também. E era (sic) as moças cochichando: _Ah, se fosse eu no lugar dela [da atriz]. Mas era só brincando. E tinha moça que ficava enciumada porque os namorados acharam a atriz bonita [risos]. Pois é... com ciúmes de uma atriz! E no dia seguinte...só se falava sobre o cinema aqui em Pombal (VIANA, 2008).

Mas nem todos puderam prestigiar a estréia do cinematógrafo na terra de Maringá⁶. A grande maioria dos habitantes daquela cidade não estava na sala do Cine

cinema e o cotidiano dos campinenses. In. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945 – 1965)**. 2002. Tese (DOUTORADO EM História do Brasil) – UFPE, Recife.

⁶ Nome da Canção de Joubert de Carvalho, “que homenageia, com exclusividade, a cidade de Pombal”.

Teatro Lux quando as luzes se apagaram e Luiz Gonzaga ascendeu ao palco cantando. Isso, contudo, não significa que os populares não estiveram presentes àquele acontecimento. Se não estavam presentes dentro da casa de espetáculos, fora, na frente do recém construído prédio, sua presença era intensa. E ali também se desenrolaram inúmeras tramas sociais.

No dia da inauguração foi uma festa! O povo todo chique. Era um luxo só. Logo o povo de Pombal sempre foi conhecido! Gostava de andar com o que havia de melhor. Ai no dia da abertura a cidade ficou muito movimentada. Na frente do prédio era aquela multidão de gente! Mas só quem participou da festividade da inauguração foi o povo mais rico. A elite, né? Agora depois, todos podiam ir ver os filmes. Aliás, todos queriam ir ao Cine Lux. Só que no primeiro dia foi só a “sociedade” (FELINTO, 2008).

Enquanto dentro do teatro alguns se emocionavam com a paixão que envolviam os personagens do filme, fora daquele prédio inúmeros olhares se cruzaram, corações foram tomados também pela paixão. Dizendo de outra forma, o fato de não está presente àquela sessão, não excluiu os populares das transformações cotidianas que aquela técnica iria provocar em Pombal.

De fato,

naquele dia [da inauguração], logo cedo, o povo era tudo se arrumando para ir pro cinema. Quando escureceu era aquela multidão na frente do cinema. Era só chegando gente. Ai ficou aquela fofoca, os flertes, as conversinhas. Depois, quando a difusora avisou, o povo entrou. Só os chiques. Quem não pôde entrar ficou ali, do lado de fora esperando o povo sair pra dizer como era o cinema. E o povo dizia! (EVARISTO, 2008).

Fica explicitado na fala da nossa colaboradora, o desejo que os populares tinham de participar do progresso técnico que a cidade passava. “Afinal, quem é que não quer ser moderno?” indagou a Sra. Maria Adélia Felinto (2008). E ela responde: “Ah, o povo daqui toda vida teve essa tradição de ser moderno. Queria ser moderno a todo o custo. Era rico, era pobre, tudo!” (FELINTO, 2008).

Mas para além do desejo de tornar-se moderno, o cinema impõe-se aos homens e mulheres daquela aldeia como um momento de lazer⁷, um tempo desocupado dedicado à diversão, ou ainda uma tentativa de burla⁸, uma recusa às limitações

Ver: SOUSA, Verneck Abrantes de. MARINGÁ. Nossa História, nossa gente. Gráfica Martins, 2007.

⁷ Sobre o conceito de lazer ver SOUZA, 2002.

⁸ Sobre isso ver WERNECK, Christianne. **Relações históricas**: o processo de constituição do lazer no mundo ocidental. In: lazer, trabalho e Educação: relações históricas, questões contemporâneas, Belo Horizonte; Ed. UFMG; CELAR- DEF/ UFMG, 2000, p. 13-78.

socialmente impostas, mas também uma oportunidade de conhecer novas pessoas, fazer amigos, “descolar” um namorado/namorada, ou simplesmente ver pessoas aparentemente felizes desfilando com seus trajes finos. Ir até a frente do Cine Teatro tem toda uma simbologia, muitas vezes só compreendida por aqueles que partilhavam dos mesmos códigos sociais.

Os filmes exibidos no Cine Lux foram responsáveis também pela formação dos jovens que viveram aqueles anos. Assim, na memória do Sr. Raimundo Formiga de Sousa, “o cinema era uma maravilha!” E continua,

Como Pombal era uma cidade que quase não oferecia diversão, com o cinema pronto! Mal amanhecia o dia e já era a garotada, os rapazes, passando na frente do prédio ou lá no mercado para olhar qual era o filme que seria apresentado. Todo mundo, fosse rico ou pobre, ia ao cinema. Era bom demais. Aquelas pessoas bonitas na tela, tinha os namoros no escurinho e as coisas engraçadas... os bestas era se baixando com medo das balas. Teve um que correu com medo do cavalo (risos). E tinha o padre, que não perdia um filme. E ele sempre adormecia, ai quando ele acordava às vezes era na cena do beijo, ai sabe o que ele fazia? Ele dizia: _Ô vei macho! (risos). Com certeza se teve uma coisa boa em Pombal, foi o cinema, que era pro rico e pra o pobre (SOUSA, 2008)⁹.

Mas ir ao cinematógrafo não era tão simples. Como lembra Nicolau Sevcenko: “ir ao cinema, pelo menos uma vez por semana, vestido com a melhor roupa, tornou-se uma obrigação para garantir a condição de moderno e manter o reconhecimento social” (apud. SOUZA, 2002, p. 253).

Assim, é preciso frisar que embora as entradas fossem vendidas a um preço popular, ir ao Cine Lux era uma prática que custava caro. Pois, a preparação começava com a escolha da roupa, dos calçados, do perfume que seriam usados naquela ocasião. “A pessoa também tinha que ter dinheiro para amendoins, pipocas e sorvetes. Ir ao cinema era então, algo que realmente nem todos podiam pagar, mas pagavam!

Em posse do dinheiro que os conduziria a sala de espetáculos, o dia se tornava para os pobres um vale-tudo em busca de roupas, sapatos, bolsas, perfumes etc.

As moças pobres ganhavam um vestido velho de uma, uma sandália de outra, arrumava uma coisa emprestada com uma pessoa, outra com outra e assim era toda vez que era pra sair pro cinema. Perfume bom? era assim: elas tomavam seu banho e vestiam uma roupa simples, ai iam na casa de uma mulher que vendia perfume e dizia que foram olhar, como se fosse pra comprar, ai aproveitavam e já saiam perfumada, e sem comprar nada!

⁹ Também o Sr. José Cleôncio Formiga de Mouta lembrou que o vigário da cidade, possuidor de um permanente, cartão doado pelo dono do cinema para freqüentadores assíduos, uma espécie de brinde pela freqüência ao Cine Lux, dormia durante quase toda a projeção do filme, acordando-se exatamente no momento em que ocorriam os beijos apaixonados.

(risos) E isso só para ir arrumadas pro cinema. Chega dava pena! Mas quem é que ia querer passar vergonha, né? E os homens também pediam às vezes um sapato emprestado, às vezes ganhava uma camisa usada, mandava engomar e saía todo chique (SOUSA, 2008).

Já para os abonados:

Com certeza ir ao cinema era uma ocasião em que podíamos mostrar as roupas novas, os calçados que vinham do Recife, os perfumes Franceses que a gente ia passando e o cheiro ficando! Os homens também iam muito arrumados. Ir ao Cine Lux era uma coisa que ninguém da sociedade podia deixar de fazer. Ah, você precisava ver o luxo. Até paetês se usava! (FELINTO, 2008).

No final da noite, depois do filme, a sensação de alguns era de que a noite valeu cada sacrifício. Para outros, ficava a impressão de que o esforço havia sido em vão. Assim, em alguns, a noite fazia florescer novas ou antigas paixões. Enquanto outros perderam-se nas ilusões trazidas pelo filme e voltaram para casa sozinhos. Sozinhos, porém sonhando com os astros preferidos.

Em face do exposto, não há dúvida de que a construção de um cinema era muito esperada pelos pombalenses dos mais variados segmentos sociais.

Sobre a prática de ir ao cinema a Sra. Francisca Dantas de Farias, lembrou-se que

sempre ficava encantada com o cinema. A primeira vez que fui ao cinema foi em Patos. Meu esposo mandou eu me arrumar para ir ver um filme. Eu não fazia nem idéia do que era. Quando cheguei lá fiquei encantada. Era tudo muito lindo. As pessoas muito bem vestidas. O povo muito arrumado mesmo. E quando o filme começou a passar assim no telão... aquela coisa enorme! Eu fiquei não sei nem dizer. Só que depois eu adormeci. Eu sempre dormia no cinema. Mas era uma coisa maravilhosa. Quando foi aqui em Pombal, acho que foi do mesmo jeito. Era aquele horror de gente, na frente do prédio, pra lá e pra cá. Um Luxo! E quando começou o filme foi aquela emoção. Parecia de verdade. Tinha uma cena dos carros sendo perseguidos: só parecia que ia sair da tela. Agora o filme que eu mais gostava era os documentários, adorei o filme que mostrava a construção do açude de Coremas, a inauguração de Brasília¹⁰ e quando mostrava os jogos de futebol. Era maravilhoso! A gente saía já com vontade de voltar (FARIAS, 2008).

Como aponta a Sra. Francisca Dantas de Farias o cinema também funcionou como meio de divulgação sobre o que acontecia no mundo. Esse gênero de filmes, os documentários, surgiu no Brasil nos anos 20, e tinha a função principal de educar as pessoas, informando-as sobre história, geografia, biologia, esportes, civilidade, etc. Os

¹⁰ Embora a Inauguração de Brasília esteja fora do nosso recorte, por se tratar de um trabalho que tem como fonte principal as memórias, achamos pertinente não recortar a informação.

outros gêneros, além de proporcionar lazer, também tinham função educativa, pois ainda que isso não estivesse explícito, o contato do público com os filmes e artistas educava-o para a vida social (SOUZA, 2002).

Ora, se o cinema encantou a elite, não há dúvida de que também os menos afortunados ficaram maravilhados com a exibição de filmes cinematográficos.

Não havia cadeiras especiais, vendidas a preços diferenciados. Todos sentavam-se juntos, pobres e ricos, moças e rapazes. E ninguém ligava. A sessão mais barata era o domingo à tarde, na matinê. Nós colocávamos os filmes mais antigos, aí a sessão era 50% mais barata do que as sessões noturnas. E outra diferença é que a música que nós colocávamos no domingo, antes e depois da matinê era música popular, agora à noite era música clássica, as melhores músicas (MOUTA, 2008).

Sem dúvida, o cinema estava aberto a todos. O problema aqui está na qualidade do cinema que era consumido pelos populares. Se não havia salas separadas para elite e popular, havia as distinções nas sessões. Como o próprio José Cleoncio Formiga de Mouta falou, as sessões populares eram as domingadas, onde o filme era antigo e as músicas que antecediam as exibições das fitas eram como ele disse: músicas populares. Note aqui também um diferencial de peso. Música boa? Só à noite, ou para quem podia pagar! Logo, as ocasiões especiais eram quase sempre monopolizadas pelas pessoas mais abonadas, que antes de cada sessão podiam apreciar as mais belas canções do momento. Assim, enquanto os pobres assistiam aos antigos preto e branco, as pessoas abonadas podiam ver seus astros e estrelas preferidas em cores.

Entretanto, o fato de assistirem às sessões mais baratas não pode ser entendido como indício de que o pobre era submisso. Muito pelo contrário, a existência de uma sessão com preços populares era antes um indicativo de resistência a um processo modernizador extremamente excludente. Outro fato que deve ser evidenciado é que embora os filmes projetados fossem filmes antigos, quando algum deles se rompia os protestos eram constantes, obrigando o dono do cinema a restituir os valores da entrada aos consumidores. Essa consciência fez com que em poucos meses o problema fosse resolvido. “Os filmes eram antigos, mas de qualidade”, afirma o Sr. José Cleônicio Formiga Mouta. Assim, ninguém tinha por que reclamar.

O Cine Lux, diz a Sra. Rita Dantas:

Era bom demais. Antes de eu ir o povo já dizia que era bom, que era bonito. Era o maior divertimento. Tinha (sic) o matinê no domingo à tarde, eu não perdia nada! Era maravilhoso. O maior divertimento que tinha aqui em

Pombal. Todo mundo ia, não tinha esse negócio de separar pobre e rico não, todo mundo que pagasse podia ir ver os filmes (DANTAS, 2008).

Como falamos anteriormente, ainda que algumas falas nos digam que o cinema não estava para todos, numa cidade como Pombal, aquela aparelhagem não teria subsistido até os anos 1980 sem a participação dos populares, visto que o grupo que denominamos de elite era muito restrito.

A Sra. Maria Adélia Felinto recordou-se que:

Os melhores filmes passavam sempre no sábado à noite e no domingo. Nos outros dias eram filmes mais antigos. E quando os cantores iam fazer shows, só dava a nata da sociedade. Era o acontecimento da cidade! As pessoas, principalmente as de posses, iam todas muito arrumadas, de sapatos novos, roupas novas, de truce. Ah, era uma disputa entre as moças para ver quem era a mais chique (FELINTO, 2008).

As moças e rapazes dos segmentos menos favorecidos, também marcavam sua presença nessas festividades. Por meio de táticas, alguns, conseguiam burlar as regras e adentrar aqueles espaços¹¹.

Ah, andar com gente da sociedade era uma forma de a pessoa poder entrar nos lugares chiques, ir ver aos melhores filmes, porque os amigos não vão deixar você ficar do lado de fora. Agora espertas eram as moças, algumas vinha se engraçando pro lado do cabra, aí quando entravam no clube, não queriam mais nem saber. Sempre tinha isso (SOUSA, 2008).

Artistas como Robert Taylor, Melyn Douglas, Burt Lancaster, Gabriell Woolf, John Buckler e Tom Mix passaram a fazer parte dos sonhos das jovens daquela cidade.

Ah, quem é que não sonhava em namorar, em ver, né? um daqueles artistas. A gente chamava de astros! Ai quando conseguia uma foto, um retrato, os pôster (sic) colocava na mala. Quem tinha guarda roupa, colocava na porta, que era pra olhar toda vez que abrisse. Ah! Era o sonho de moça (EVARISTO, 2007)

Também os rapazes podiam apreciar a beleza de estrelas do cinema mundial. Igualmente, a aparição de Ava Gardner, Priscila Dean, Mary Pickford e Renata Fronzi, por exemplo, arrancaram suspiros dos rapazes daquela cidade, provocando inveja e até ciúmes nas jovens pombalenses.¹²

¹¹ Sobre os conceitos de táticas e estratégias ver CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano I: Artes de fazer**. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 2001.

¹² Embora os atores citados façam parte de temporalidades e espacialidades distintas do cinema, em Pombal nos anos 50 era possível assistir a um clássico dos anos 30, a exemplo do filme “Tempos Modernos”, de Charles Chaplin. Da mesma forma, era possível ver um filme da década de 40 ou mesmo uma produção dos anos 50 em cores, claro, esta última demorando-se um pouco em relação a cidades como Campina Grande e João Pessoa, mas adiantando-se a cidades com Cajazeiras e Patos, por exemplo.

Mas quem disse que os rapazes não se sentiam ameaçados pelas paixões avassaladoras que as moças sentiam pelos astros do cinema? Uma cena cômica, mas também trágica nos foi relatada pela Sra. Raimunda Santana Evaristo: o rapaz era João Gomes, agricultor, morador do sítio Saco do Moleque. A moça Raimunda das Chagas, somente.

Um dia os dois, Raimunda das Chagas e João foram pra o cinema. Ela era namorada dele. Ai ela foi, achando o artista bonito, se apaixonou por ele. E foi tão tola que disse a João. Ai ele com raiva, porque o artista ficava olhando (risos) pra Raimunda tirou o revólver e deu um tiro na tela (risos) (EVARISTO, 2008).

Se o bang-bang inspirou essa atitude, não temos certeza, contudo, nas ruas de Pombal a influência do cinema era nítida. Enquanto as moças colecionavam as revistas que traziam seus artistas favoritos, as crianças se transformavam em super-heróis.

Amor, aventura, admiração, ciúmes, paixões, ódio, era algumas das sensações provocadas pela projeção dos filmes de cinema. A propósito, em 1956, o Cine Teatro Lux, foi vendido ao Sr. Afonso Mouta que não poupou esforços para transformá-lo no mais importante cinema do sertão paraibano, o Cine Lux (MOUTA, 2008).

Shows de artistas nacionais famosos tornaram-se freqüentes naquele salão. Assim, a elite pombalense e também os populares puderam apreciar naqueles anos a boa música de Luis Gonzaga, Augusto Calheiros, Marinez, Alcides Gerard, dentre outros.

Pombal realmente vivia uma outra temporalidade. Rapidamente, os gostos e padrões de comportamento modificaram-se. As cenas dos filmes inspiraram beijos, juras de amor, traições. Mas também a moda foi fortemente influenciada pelos astros e estrelas de Hollywood.

Tornou-se comum às mulheres deixar a sobrancelha fina como a de Ava Gardner, ou tinturar os cabelos como Marilyn Monroe. Entre os homens, Robert Taylor teve grande influência, o charmoso ator usava a camisa aberta deixando o peito à mostra, o que fazia grande sucesso com as garotas. Alguns homens, em Pombal, prontamente aderiram àquela moda, “obtendo sucesso imediato”, concluiu a Sra. Raimunda Santana Evaristo.

Mas as mudanças não param aqui. Logo surgiu em Pombal uma enorme quantidade de produtos que prometiam transformar qualquer pessoa em um artista de Hollywood. Assim, o simples fato de usar o mesmo sabonete que uma atriz usava teria o

poder mágico de transformar qualquer pessoa em uma estrela. Era isso que os meios publicitários faziam questão de difundir (SOUZA, 2002).

Eu só usava coisas boas. Isso eu não posso negar. Eu via os modelos no cinema e quando ia ao Recife ia direto procurar. O filme inspirava a moda. E tinha as revistas: Manchete e O Cruzeiro. Nós ficávamos sabendo o que estava na moda, o que as atrizes de cinema usavam. Ai comprávamos só as coisas da moda. Tinha também um senhor (...) que era viado [homossexual], ele entendia muito de moda. Sabia tudo o que as atrizes estavam usando. Era muito vaidoso. Ai ele viajava e trazia cortes de vestido muito bonitos. A loja dele era em casa, mas as coisas eram muito chiques (FELINTO, 2008).

Uma gama de supérfluos passou a fazer parte dos sonhos de consumo das jovens pombalenses. Assim, sonhava-se com perfumes, calçados, roupas, acessórios, móveis, automóveis, viagens, cigarros, bebidas, enfim, desejava-se ser igual às suas atrizes preferidas. Mas o desejo não se limitava ao uso de certos produtos. Também o comportamento de algumas moças pretendia ser igual ao das estrelas de Hollywood. Desejo esse, que era alimentado também pelas revistas e periódicos que traziam páginas e mais páginas falando sobre as venturas e desventuras dos artistas nacionais e internacionais.

Nas ruas da cidade tornava-se freqüente ver beijos cinematográficos. Além disso, tornaram-se mais freqüentes os casos de alcoolismo entre os jovens e moças. Também cenas de ação aconteceram naqueles anos. Moças raptadas, triângulos amorosos, homens traídos, adolescentes grávidas, paixões avassaladoras... tudo isso, sem dúvida, influenciado pela indústria cinematográfica.

Enfim, durante os anos de 1950, foram muitas as mudanças ocorridas em Pombal a partir da influência dos filmes exibidos nos cinemas. Mudanças que aconteciam não só na sala de projeção, mas em todas as esferas da vida cotidiana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Gervácio Batista. **Seduções do moderno na Parahyba do norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1825)**. In. Parahyba no Império e na República. Estudo de história social e cultural. 2ª ed. João Pessoa: Idéia, 2005.

ARAÚJO, Jerdivan Nóbrega de. **Na tela do Cine Lux de Pombal**. João Pessoa: A União, 2002.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

BRESCIANI, Maria Stella. “**As Sete Portas da Cidade**”. In. Espaço & Debates: Cidade e História, Revista de Estudos Regionais e Urbanos: São Paulo, Ano XI, n. 34, 1991.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano I: Artes de fazer**. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 2001.

CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo, Hucitec/UNESP, 1998.

MENEGUELLO, Cristina. **Poeira de Estrelas: O cinema hollywoodiano na mídia brasileira de 40 e 50**. Campina; SP – Editora da UNICAMP, 1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural: 2ª ed. 1. reimp.** Belo Horizonte: Autentica, 2005.

PRIEUR, Jérôme. **O Espectador noturno: Os escritores e o cinema**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995.

ROCHE, Daniel. **História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades do século XVIII ao XIX**; RJ: Rocco, 2000.

ROSSI, Lia Mônica. **Art Déco Sertanejo**. Disponível em <http://www.art-deco-sertanejo.com/intro.htm>, acessado em 16 de fevereiro de 2009.

SEVCENKO, Nicolau. **A Capital Irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio**. In: SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil: República da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras; 2001.

SOUSA, Verneck Abrantes de. **Um olhar sobre Pombal Antiga (1906 a 1970)**. João Pessoa: A União, 2002.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945 – 1965)**. 2002. Tese (DOUTORADO EM História do Brasil) – UFPE, Recife.

WERNECK, Christianne. **Relações históricas: o processo de constituição do lazer no mundo ocidental**. In: **lazer, trabalho e Educação: relações históricas, questões contemporâneas**, Belo Horizonte; Ed. UFMG; CELAR- DEF/ UFMG, 2000, p. 13-78.